

KALUNGA, A LONGA TRAVESSIA: O NEGRO NO HORIZONTE DOS CONCEITOS DE EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E REGIMES DE HISTORICIDADE.

Carlos César Pereira de Sousa¹

RESUMO

Este artigo procura refletir sobre as possibilidades de uso dos conceitos de Regimes de Historicidade de François Hartog e Experiência Histórica de Reinhart Koselleck para pensar a história da pessoa negra no Brasil. daquelas que foram ou não vítimas da diáspora africana (século XVI a XIX), dos aprisionados no continente invadido, escravizados ou exterminados pelo invasor europeu. A história das pessoas negras sejam afrodiáspóricas, descendentes dos traficados e escravizados está encoberta por uma camada de práticas historiográficas que direcionam seu olhar unilateralmente para aspectos específicos dessa história, trabalho escravo, tráfico de pessoas, castigos corporais, trabalhos forçados. A historiografia volta seu olhar para poucos pontos: a ação dos traficantes de pessoas no continente ou fora dele, a dimensão econômica do escravismo ou para as questões sociais que envolviam o escravizador e o escravizado no meio rural e urbano. Nela o negro é um ser amorfo, sem ideias, sem experiências e suas vivências restringem-se as fugas, ao trabalho e aos folguedos no terreiro da casa-grande. Assim não se observa a necessidade de uma intensa Experiência Histórica da pessoa negra e de seus Regimes de Historicidade ao longo da travessia África-Brasil.

PALVRAS-CHAVE: África; Negros; Regimes de Historicidade; Experiência Histórica; Tempo.

Simpósio Temático: História, literatura e movimentos sociais negros contemporâneos: problemas (d) e métodos.

¹ Professor de História da E.E.M. Dona Antônia Lindalva de Moraes, Milagres-CE; mestrando do Mestrado Profissional de História da Universidade Regional do Cariri-URCA; E-mail: cesarhistirador2013@gmail.com, Brejo Santo, estado do Ceará, Brasil.